



Clipping - Seminário "Tuberculose, álcool e tabaco: ligações perigosas"

Revista de Imprensa

1. Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose, Atlas da Saúde Online, 22-03-2017	1
2. Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose, Açoriano Oriental Online, 22-03-2017	3
3. Agenda, Correio da Manhã, 22-03-2017	5
4. Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose, JM Online, 22-03-2017	6
5. Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose, Notícias ao Minuto Online, 22-03-2017	8
6. Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose, Público Online, 22-03-2017	10
7. Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose, Sapo Online - Sapo Lifestyle Online, 22-03-2017	12
8. Álcool e tabaco estão associados ao aumento da incidência da tuberculose, Saúde Online, 22-03-2017	14
9. Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose, SIC Notícias Online, 22-03-2017	16
10. Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose, TVI 24 Online, 22-03-2017	18
11. Álcool e tabaco associados à subida da tuberculose, Açoriano Oriental, 23-03-2017	20

Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose

Tipo Melo: Internet Data Publicação: 22-03-2017

Melo: Atlas da Saúde Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=29e0d184>

Em declarações, no âmbito de um seminário sobre "Tuberculose, Álcool e Tabaco: ligações perigosas", organizado pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), Raquel Duarte afirmou que a tuberculose tem vindo a diminuir ao longo do tempo, mas lentamente, situando-se abaixo dos 20 casos por 100 mil habitantes.

"A tuberculose tem vindo a diminuir, mas não tem vindo a diminuir ao ritmo que nós gostaríamos ou que queríamos de forma a atingir os objetivos da Organização Mundial de Saúde (OMS)", sublinhou a responsável pelo encontro.

Segundo explicou, "as pessoas que fumam têm maior risco de estar doentes, têm maior risco de o tratamento correr pior e, uma notícia ainda pior, é que o tabagismo passivo também coloca as pessoas em risco de tuberculose, particularmente nas crianças".

"O que é preciso é que, além de sensibilizar a população, haja uma abordagem integrada da tuberculose, também prestando atenção a estes comportamentos de risco, como o álcool e o tabaco", sublinhou.

Sendo uma doença causada por um agente conhecido, que é possível prevenir e para a qual existe tratamento e cura, os investigadores questionam-se porque é que a tuberculose ainda existe.

"O que nos preocupa na tuberculose é que ela ainda exista. Não devia haver casos de tuberculose, por isso devemos continuar atentos à sua redução. Ela tem vindo a reduzir, de uma forma consistente, mas podemos fazer mais", frisou.

Defende por isso que é necessário atuar "na co-infecção VIH, na resistência e na boa adesão ao tratamento".

"Mas temos de atuar também, e cada vez mais se dá importância a isso, [quanto] aos determinantes sociais, à pobreza, ao desemprego, à forma como as pessoas vivem e aos comportamentos de risco, como o consumo de droga, de álcool e tabaco", acrescentou.

A investigadora considera que "só uma abordagem integrada é que permitirá maior eficácia na redução da tuberculose".

"A tuberculose é curável. O que é preciso é que a pessoa seja diagnosticada atempadamente, de modo a não ficar com sequelas, e faça o tratamento adequado, o tempo todo, para não ter resistências. Porque se houver resistências estamos a perder fármacos e, assim, a ter algumas complicações em tratar a tuberculose", frisou.

Raquel Duarte é atualmente diretora da Unidade de Gestão Integrada do Tórax e Circulação do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, Coordenadora do Centro de Referência Nacional para a Tuberculose Multirresistente, assessora do Diretor do Programa Nacional para a TB/VIH, para a área da tuberculose, e doente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

2017-03-22 15:36:21+00:00

Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 22-03-2017

Melo: Açoriano Oriental Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f20d1197>

A investigadora Raquel Duarte disse, no Porto, que o álcool e o tabaco estão associados ao aumento da incidência da tuberculose, a um pior resultado do tratamento e um risco maior de recidiva após o seu término

Em declarações à Lusa, no âmbito de um seminário sobre "Tuberculose, Álcool e Tabaco: ligações perigosas", organizado pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), Raquel Duarte afirmou que a tuberculose tem vindo a diminuir ao longo do tempo, mas lentamente, situando-se abaixo dos 20 casos por 100 mil habitantes.

"A tuberculose tem vindo a diminuir, mas não tem vindo a diminuir ao ritmo que nós gostaríamos ou que queríamos de forma a atingir os objetivos da Organização Mundial de Saúde (OMS)", sublinhou a responsável pelo encontro.

Segundo explicou, "as pessoas que fumam têm maior risco de estar doentes, têm maior risco de o tratamento correr pior e, uma notícia ainda pior, é que o tabagismo passivo também coloca as pessoas em risco de tuberculose, particularmente nas crianças".

"O que é preciso é que, além de sensibilizar a população, haja uma abordagem integrada da tuberculose, também prestando atenção a estes comportamentos de risco, como o álcool e o tabaco", sublinhou.

Sendo uma doença causada por um agente conhecido, que é possível prevenir e para a qual existe tratamento e cura, os investigadores questionam-se porque é que a tuberculose ainda existe.

"O que nos preocupa na tuberculose é que ela ainda exista. Não devia haver casos de tuberculose, por isso devemos continuar atentos à sua redução. Ela tem vindo a reduzir, de uma forma consistente, mas podemos fazer mais", frisou.

Defende por isso que é necessário atuar "na co-infecção VIH, na resistência e na boa adesão ao tratamento".

"Mas temos de atuar também, e cada vez mais se dá importância a isso, [quanto] aos determinantes sociais, à pobreza, ao desemprego, à forma como as pessoas vivem e aos comportamentos de risco, como o consumo de droga, de álcool e tabaco", acrescentou.

A investigadora considera que "só uma abordagem integrada é que permitirá maior eficácia na redução da tuberculose".

"A tuberculose é curável. O que é preciso é que a pessoa seja diagnosticada atempadamente, de modo a não ficar com sequelas, e faça o tratamento adequado, o tempo todo, para não ter resistências. Porque se houver resistências estamos a perder fármacos e, assim, a ter algumas complicações em tratar a tuberculose", frisou.

Raquel Duarte é atualmente diretora da Unidade de Gestão Integrada do Tórax e Circulação do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, Coordenadora do Centro de Referência Nacional para a Tuberculose Multirresistente, assessora do Diretor do Programa Nacional para a TB/VIH, para a área da tuberculose, e docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Hoje, 12:13



AGENDA

HOJE

LISBOA

Protesto de professores

Dos docentes do ensino artístico-especializado: 15h00.

AMANHÃ

PORTO

Seminário no ISPUP

'Tuberculose, álcool e tabaco: ligações perigosas': 09h00.

VAI ACONTECER:

Informe agenda@cmjornal.pt

Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 22-03-2017

Melo: JM Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=b73f2c1c>

A investigadora Raquel Duarte disse hoje, no Porto, que o álcool e o tabaco estão associados ao aumento da incidência da tuberculose, a um pior resultado do tratamento e um risco maior de recidiva após o seu término.

Em declarações à Lusa, no âmbito de um seminário sobre "Tuberculose, Álcool e Tabaco: ligações perigosas", organizado pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), Raquel Duarte afirmou que a tuberculose tem vindo a diminuir ao longo do tempo, mas lentamente, situando-se abaixo dos 20 casos por 100 mil habitantes.

"A tuberculose tem vindo a diminuir, mas não tem vindo a diminuir ao ritmo que nós gostaríamos ou que queríamos de forma a atingir os objetivos da Organização Mundial de Saúde (OMS)", sublinhou a responsável pelo encontro.

Segundo explicou, "as pessoas que fumam têm maior risco de estar doentes, têm maior risco de o tratamento correr pior e, uma notícia ainda pior, é que o tabagismo passivo também coloca as pessoas em risco de tuberculose, particularmente nas crianças".

"O que é preciso é que, além de sensibilizar a população, haja uma abordagem integrada da tuberculose, também prestando atenção a estes comportamentos de risco, como o álcool e o tabaco", sublinhou.

Sendo uma doença causada por um agente conhecido, que é possível prevenir e para a qual existe tratamento e cura, os investigadores questionam-se porque é que a tuberculose ainda existe.

"O que nos preocupa na tuberculose é que ela ainda exista. Não devia haver casos de tuberculose, por isso devemos continuar atentos à sua redução. Ela tem vindo a reduzir, de uma forma consistente, mas podemos fazer mais", frisou.

Defende por isso que é necessário atuar "na co-infecção VIH, na resistência e na boa adesão ao tratamento".

"Mas temos de atuar também, e cada vez mais se dá importância a isso, [quanto] aos determinantes sociais, à pobreza, ao desemprego, à forma como as pessoas vivem e aos comportamentos de risco, como o consumo de droga, de álcool e tabaco", acrescentou.

A investigadora considera que "só uma abordagem integrada é que permitirá maior eficácia na redução da tuberculose".

"A tuberculose é curável. O que é preciso é que a pessoa seja diagnosticada atempadamente, de modo a não ficar com sequelas, e faça o tratamento adequado, o tempo todo, para não ter resistências. Porque se houver resistências estamos a perder fármacos e, assim, a ter algumas complicações em tratar a tuberculose", frisou.

Raquel Duarte é atualmente diretora da Unidade de Gestão Integrada do Tórax e Circulação do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, Coordenadora do Centro de Referência Nacional para a Tuberculose Multirresistente, assessora do Diretor do Programa Nacional para a TB/VIH, para a área da tuberculose, e docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Artigo | 22/03/2017 14:23

Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 22-03-2017

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=8ca5f642>

A investigadora Raquel Duarte disse hoje, no Porto, que o álcool e o tabaco estão associados ao aumento da incidência da tuberculose, a um pior resultado do tratamento e um risco maior de recidiva após o seu término.

Em declarações à Lusa, no âmbito de um seminário sobre "Tuberculose, Álcool e Tabaco: ligações perigosas", organizado pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), Raquel Duarte afirmou que a tuberculose tem vindo a diminuir ao longo do tempo, mas lentamente, situando-se abaixo dos 20 casos por 100 mil habitantes.

PUB

"A tuberculose tem vindo a diminuir, mas não tem vindo a diminuir ao ritmo que nós gostaríamos ou que queríamos de forma a atingir os objetivos da Organização Mundial de Saúde (OMS)", sublinhou a responsável pelo encontro.

Segundo explicou, "as pessoas que fumam têm maior risco de estar doentes, têm maior risco de o tratamento correr pior e, uma notícia ainda pior, é que o tabagismo passivo também coloca as pessoas em risco de tuberculose, particularmente nas crianças".

"O que é preciso é que, além de sensibilizar a população, haja uma abordagem integrada da tuberculose, também prestando atenção a estes comportamentos de risco, como o álcool e o tabaco", sublinhou.

Sendo uma doença causada por um agente conhecido, que é possível prevenir e para a qual existe tratamento e cura, os investigadores questionam-se porque é que a tuberculose ainda existe.

"O que nos preocupa na tuberculose é que ela ainda exista. Não devia haver casos de tuberculose, por isso devemos continuar atentos à sua redução. Ela tem vindo a reduzir, de uma forma consistente, mas podemos fazer mais", frisou.

Defende por isso que é necessário atuar "na co-infecção VIH, na resistência e na boa adesão ao tratamento".

"Mas temos de atuar também, e cada vez mais se dá importância a isso, [quanto] aos determinantes sociais, à pobreza, ao desemprego, à forma como as pessoas vivem e aos comportamentos de risco, como o consumo de droga, de álcool e tabaco", acrescentou.

A investigadora considera que "só uma abordagem integrada é que permitirá maior eficácia na redução da tuberculose".

"A tuberculose é curável. O que é preciso é que a pessoa seja diagnosticada atempadamente, de modo a não ficar com sequelas, e faça o tratamento adequado, o tempo todo, para não ter resistências. Porque se houver resistências estamos a perder fármacos e, assim, a ter algumas

complicações em tratar a tuberculose", frisou.

Raquel Duarte é atualmente diretora da Unidade de Gestão Integrada do Tórax e Circulação do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, Coordenadora do Centro de Referência Nacional para a Tuberculose Multirresistente, assessora do Diretor do Programa Nacional para a TB/VIH, para a área da tuberculose, e docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

há 4 mins

POR Lusa

Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 22-03-2017

Melo: Público Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=d8dcad71>

A investigadora Raquel Duarte diz que é preciso sensibilizar a população.

Os fumadores passivos também estão em risco, especialmente as crianças ADRIANO MIRANDA/PUBLICO

A investigadora Raquel Duarte disse esta quarta-feira, no Porto, que o álcool e o tabaco estão associados ao aumento da incidência da tuberculose, a um pior resultado do tratamento e um risco maior de recidiva após o seu término.

Em declarações à Lusa, no âmbito de um seminário sobre "Tuberculose, Álcool e Tabaco: ligações perigosas", organizado pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), Raquel Duarte afirmou que a tuberculose tem vindo a diminuir ao longo do tempo, mas lentamente, situando-se abaixo dos 20 casos por 100 mil habitantes.

"A tuberculose tem vindo a diminuir, mas não tem vindo a diminuir ao ritmo que nós gostaríamos ou que queríamos de forma a atingir os objectivos da Organização Mundial de Saúde (OMS)", sublinhou a responsável pelo encontro.

Segundo explicou, "as pessoas que fumam têm maior risco de estar doentes, têm maior risco de o tratamento correr pior e, uma notícia ainda pior, é que o tabagismo passivo também coloca as pessoas em risco de tuberculose, particularmente nas crianças". "O que é preciso é que, além de sensibilizar a população, haja uma abordagem integrada da tuberculose, também prestando atenção a estes comportamentos de risco, como o álcool e o tabaco", sublinhou.

Sendo uma doença causada por um agente conhecido, que é possível prevenir e para a qual existe tratamento e cura, os investigadores questionam-se porque é que a tuberculose ainda existe. "O que nos preocupa na tuberculose é que ela ainda exista. Não devia haver casos de tuberculose, por isso devemos continuar atentos à sua redução. Ela tem vindo a reduzir, de uma forma consistente, mas podemos fazer mais", frisou.

O melhor do Público no email

Subscreva gratuitamente as newsletters e receba o melhor da actualidade e os trabalhos mais profundos do Público.

Subscrever x

Defende por isso que é necessário actuar "na co-infecção VIH, na resistência e na boa adesão ao tratamento". "Mas temos de actuar também, e cada vez mais se dá importância a isso, [quanto] aos determinantes sociais, à pobreza, ao desemprego, à forma como as pessoas vivem e aos comportamentos de risco, como o consumo de droga, de álcool e tabaco", acrescentou.

A investigadora considera que "só uma abordagem integrada é que permitirá maior eficácia na

redução da tuberculose". "A tuberculose é curável. O que é preciso é que a pessoa seja diagnosticada atempadamente, de modo a não ficar com sequelas, e faça o tratamento adequado, o tempo todo, para não ter resistências. Porque se houver resistências estamos a perder fármacos e, assim, a ter algumas complicações em tratar a tuberculose", frisou.

Raquel Duarte é actualmente directora da Unidade de Gestão Integrada do Tórax e Circulação do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, Coordenadora do Centro de Referência Nacional para a Tuberculose Multirresistente, assessora do Director do Programa Nacional para a TB/VIH, para a área da tuberculose, e doente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

22 de março de 2017, 13:53

Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose

Tipo Melo: Internet Data Publicação: 22-03-2017

Melo: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f2663312>

22 Mar 2017 14: 36 // Nuno Noronha // Notícias // Com Lusa

A investigadora Raquel Duarte disse esta quarta-feira (22/03), no Porto, que o álcool e o tabaco estão associados ao aumento da incidência da tuberculose, a um pior resultado do tratamento e um risco maior de recidiva após o seu término.

créditos: AFP

Em declarações à Lusa, no âmbito de um seminário sobre "Tuberculose, Álcool e Tabaco: ligações perigosas", organizado pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), Raquel Duarte afirmou que a tuberculose tem vindo a diminuir ao longo do tempo, mas lentamente, situando-se abaixo dos 20 casos por 100 mil habitantes.

"A tuberculose tem vindo a diminuir, mas não tem vindo a diminuir ao ritmo que nós gostaríamos ou que queríamos de forma a atingir os objetivos da Organização Mundial de Saúde (OMS)", sublinhou a responsável pelo encontro.

Segundo explicou, "as pessoas que fumam têm maior risco de estar doentes, têm maior risco de o tratamento correr pior e, uma notícia ainda pior, é que o tabagismo passivo também coloca as pessoas em risco de tuberculose, particularmente nas crianças". "O que é preciso é que, além de sensibilizar a população, haja uma abordagem integrada da tuberculose, também prestando atenção a estes comportamentos de risco, como o álcool e o tabaco", sublinhou.

Número de casos tem vindo a reduzir

Sendo uma doença causada por um agente conhecido, que é possível prevenir e para a qual existe tratamento e cura, os investigadores questionam-se porque é que a tuberculose ainda existe. "O que nos preocupa na tuberculose é que ela ainda exista. Não devia haver casos de tuberculose, por isso devemos continuar atentos à sua redução. Ela tem vindo a reduzir, de uma forma consistente, mas podemos fazer mais", frisou.

Defende por isso que é necessário atuar "na co-infecção VIH, na resistência e na boa adesão ao tratamento". "Mas temos de atuar também, e cada vez mais se dá importância a isso, [quanto] aos determinantes sociais, à pobreza, ao desemprego, à forma como as pessoas vivem e aos comportamentos de risco, como o consumo de droga, de álcool e tabaco", acrescentou.

A investigadora considera que "só uma abordagem integrada é que permitirá maior eficácia na redução da tuberculose". "A tuberculose é curável. O que é preciso é que a pessoa seja diagnosticada atempadamente, de modo a não ficar com sequelas, e faça o tratamento adequado, o tempo todo, para não ter resistências. Porque se houver resistências estamos a perder fármacos e, assim, a ter algumas complicações em tratar a tuberculose", frisou.

Raquel Duarte é atualmente diretora da Unidade de Gestão Integrada do Tórax e Circulação do Centro

Hospitalar de Vila Nova de Gaia, Coordenadora do Centro de Referência Nacional para a Tuberculose Multirresistente, assessora do Diretor do Programa Nacional para a TB/VIH, para a área da tuberculose, e docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

22 mar 2017 14:36

Álcool e tabaco estão associados ao aumento da incidência da tuberculose

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 22-03-2017

Melo: Saúde Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=297ea7be>

A investigadora Raquel Duarte disse hoje, no Porto, que o álcool e o tabaco estão associados ao aumento da incidência da tuberculose e a um pior resultado do tratamento

No âmbito de um seminário intitulado "Tuberculose, Álcool e Tabaco: Ligações Perigosas", organizado pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), Raquel Duarte afirmou que a tuberculose tem vindo a diminuir lentamente ao longo do tempo, situando-se abaixo dos 20 casos por 100 mil habitantes.

"A tuberculose tem vindo a diminuir, mas não tem vindo a diminuir ao ritmo que nós gostaríamos ou que queríamos de forma a atingir os objetivos da Organização Mundial de Saúde (OMS)", sublinhou a responsável pelo encontro.

Segundo explicou, "as pessoas que fumam têm maior risco de estar doentes, têm maior risco de o tratamento correr pior e, uma notícia ainda pior, é que o tabagismo passivo também coloca as pessoas em risco de tuberculose, particularmente nas crianças".

Além de sensibilizar a população, a investigadora sublinhou que é necessária uma abordagem integrada da tuberculose, prestando atenção a comportamentos de risco como o álcool e o tabaco.

Sendo uma doença causada por um agente conhecido, que é possível prevenir e para a qual existe tratamento e cura, os investigadores questionam-se porque é que a tuberculose ainda existe.

"O que nos preocupa na tuberculose é que ela ainda exista. Não devia haver casos de tuberculose, por isso devemos continuar atentos à sua redução. Ela tem vindo a reduzir, de uma forma consistente, mas podemos fazer mais", frisou.

Defende por isso que é necessário atuar "na co-infecção VIH, na resistência e na boa adesão ao tratamento".

"Mas temos de atuar também, e cada vez mais se dá importância a isso, [quanto] aos determinantes sociais, à pobreza, ao desemprego, à forma como as pessoas vivem e aos comportamentos de risco, como o consumo de droga, de álcool e tabaco", acrescentou. A investigadora acredita que só uma abordagem integrada é que permitirá maior eficácia na redução da tuberculose.

"A tuberculose é curável. O que é preciso é que a pessoa seja diagnosticada atempadamente, de modo a não ficar com sequelas, e faça o tratamento adequado, o tempo todo, para não ter resistências. Porque se houver resistências estamos a perder fármacos e, assim, a ter algumas complicações em tratar a tuberculose", frisou.

Atualmente, Raquel Duarte é diretora da Unidade de Gestão Integrada do Tórax e Circulação do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, Coordenadora do Centro de Referência Nacional para a Tuberculose Multirresistente, assessora do diretor do Programa Nacional para TB/VIH, para a área da tuberculose, e docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

LUSA/SO

FacebookTwitterLinkedIn

Mais Noticias

22 de Março de 2017

Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 22-03-2017

Melo: SIC Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=39b2cfc8>

País

22.03.2017 18h01

A investigadora Raquel Duarte disse esta quarta-feira, no Porto, que o álcool e o tabaco estão associados ao aumento da incidência da tuberculose, a um pior resultado do tratamento e um risco maior de recidiva após o seu término.

Em declarações à Lusa, no âmbito de um seminário sobre "Tuberculose, Álcool e Tabaco: ligações perigosas", organizado pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), Raquel Duarte afirmou que a tuberculose tem vindo a diminuir ao longo do tempo, mas lentamente, situando-se abaixo dos 20 casos por 100 mil habitantes.

"A tuberculose tem vindo a diminuir, mas não tem vindo a diminuir ao ritmo que nós gostaríamos ou que queríamos de forma a atingir os objetivos da Organização Mundial de Saúde (OMS)", sublinhou a responsável pelo encontro. Segundo explicou, "as pessoas que fumam têm maior risco de estar doentes, têm maior risco de o tratamento correr pior e, uma notícia ainda pior, é que o tabagismo passivo também coloca as pessoas em risco de tuberculose, particularmente nas crianças".

"O que é preciso é que, além de sensibilizar a população, haja uma abordagem integrada da tuberculose, também prestando atenção a estes comportamentos de risco, como o álcool e o tabaco", sublinhou.

Sendo uma doença causada por um agente conhecido, que é possível prevenir e para a qual existe tratamento e cura, os investigadores questionam-se porque é que a tuberculose ainda existe.

"O que nos preocupa na tuberculose é que ela ainda exista. Não devia haver casos de tuberculose, por isso devemos continuar atentos à sua redução. Ela tem vindo a reduzir, de uma forma consistente, mas podemos fazer mais", frisou. Defende por isso que é necessário atuar "na co-infecção VIH, na resistência e na boa adesão ao tratamento".

"Mas temos de atuar também, e cada vez mais se dá importância a isso, aos determinantes sociais, à pobreza, ao desemprego, à forma como as pessoas vivem e aos comportamentos de risco, como o consumo de droga, de álcool e tabaco", acrescentou.

A investigadora considera que "só uma abordagem integrada é que permitirá maior eficácia na redução da tuberculose".

"A tuberculose é curável. O que é preciso é que a pessoa seja diagnosticada atempadamente, de modo a não ficar com sequelas, e faça o tratamento adequado, o tempo todo, para não ter resistências. Porque se houver resistências estamos a perder fármacos e, assim, a ter algumas complicações em tratar a tuberculose", frisou.

Raquel Duarte é atualmente diretora da Unidade de Gestão Integrada do Tórax e Circulação do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, Coordenadora do Centro de Referência Nacional para a Tuberculose Multirresistente, assessora do Diretor do Programa Nacional para a TB/VIH, para a área da tuberculose, e doente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Lusa

Palavras-chave

Tuberculose

doenças

Álcool

Tabaco

saúde

Organização Mundial de Saúde

22.03.2017 18h01

Álcool e tabaco associados ao aumento da incidência da tuberculose

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 22-03-2017

Melo: TVI 24 Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=712b04>

Investigadora explicou que "as pessoas que fumam têm maior risco de estar doentes, têm maior risco de o tratamento correr pior e, uma notícia ainda pior, é que o tabagismo passivo também coloca as pessoas em risco de tuberculose, particularmente nas crianças"

2017-03-22 13:28/ AM

Copo. [Reuters]

2017-03-22 13:28/ AM

A investigadora Raquel Duarte disse esta quarta-feira, no Porto, que o álcool e o tabaco estão associados ao aumento da incidência da tuberculose, a um pior resultado do tratamento e um risco maior de recidiva após o seu término.

Em declarações à Lusa, no âmbito de um seminário sobre "Tuberculose, Álcool e Tabaco: ligações perigosas", organizado pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), Raquel Duarte afirmou que a tuberculose tem vindo a diminuir ao longo do tempo, mas lentamente, situando-se abaixo dos 20 casos por 100 mil habitantes.

A tuberculose tem vindo a diminuir, mas não tem vindo a diminuir ao ritmo que nós gostaríamos ou que queríamos de forma a atingir os objetivos da Organização Mundial de Saúde (OMS)", sublinhou a responsável pelo encontro.

Segundo explicou, "as pessoas que fumam têm maior risco de estar doentes, têm maior risco de o tratamento correr pior e, uma notícia ainda pior, é que o tabagismo passivo também coloca as pessoas em risco de tuberculose, particularmente nas crianças".

O que é preciso é que, além de sensibilizar a população, haja uma abordagem integrada da tuberculose, também prestando atenção a estes comportamentos de risco, como o álcool e o tabaco", sublinhou.

Sendo uma doença causada por um agente conhecido, que é possível prevenir e para a qual existe tratamento e cura, os investigadores questionam-se porque é que a tuberculose ainda existe.

O que nos preocupa na tuberculose é que ela ainda exista. Não devia haver casos de tuberculose, por isso devemos continuar atentos à sua redução. Ela tem vindo a reduzir, de uma forma consistente, mas podemos fazer mais", frisou.

Defende por isso que é necessário atuar "na co-infecção VIH, na resistência e na boa adesão ao tratamento".

Mas temos de atuar também, e cada vez mais se dá importância a isso, [quanto] aos determinantes sociais, à pobreza, ao desemprego, à forma como as pessoas vivem e aos comportamentos de risco, como o consumo de droga, de álcool e tabaco", acrescentou.

A investigadora considera que "só uma abordagem integrada é que permitirá maior eficácia na redução da tuberculose".

A tuberculose é curável. O que é preciso é que a pessoa seja diagnosticada atempadamente, de modo a não ficar com sequelas, e faça o tratamento adequado, o tempo todo, para não ter resistências. Porque se houver resistências estamos a perder fármacos e, assim, a ter algumas complicações em tratar a tuberculose", frisou.

Raquel Duarte é atualmente diretora da Unidade de Gestão Integrada do Tórax e Circulação do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, Coordenadora do Centro de Referência Nacional para a Tuberculose Multirresistente, assessora do Diretor do Programa Nacional para a TB/VIH, para a área da tuberculose, e doente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

2017-03-22 13:28 2017-03-22 13:28



DIREITOS RESERVADOS



Tuberculose não tem vindo a baixar ao ritmo pretendido de modo a atingir os objetivos da Organização Mundial de Saúde

Álcool e tabaco associados à subida da tuberculose

Álcool e tabaco estão também associados a um pior resultado do tratamento e a um risco maior de reaparecimento da doença

LUSA
Açoriano Oriental

A investigadora Raquel Duarte disse ontem, no Porto, que o álcool e o tabaco estão associados ao aumento da incidência da tuberculose, a um pior resultado do tratamento e um risco maior de recidiva após o seu término.

Em declarações à Lusa, no âmbito de um seminário sobre "Tuberculose, Álcool e Tabaco: ligações perigosas", organizado pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), Raquel Duarte afirmou que a tuberculose tem vindo a diminuir ao longo do tempo, mas lentamente, situando-se abaixo dos 20 casos por 100 mil habitantes.

"A tuberculose tem vindo a diminuir, mas não tem vindo a diminuir ao ritmo que nós gostaríamos ou que queríamos de forma a atingir os objetivos da Or-

ganização Mundial de Saúde (OMS)", sublinhou a responsável pelo encontro.

Segundo explicou, "as pessoas que fumam têm maior risco de estar doentes, têm maior risco de o tratamento correr pior e, uma notícia ainda pior, é que o tabagismo passivo também coloca as pessoas em risco de tuberculose, particularmente nas crianças".

"O que é preciso é que, além de sensibilizar a população, haja uma abordagem integrada da tuberculose, também prestando atenção a estes comportamentos de risco, como o álcool e o tabaco", sublinhou.

Sendo uma doença causada por um agente conhecido, que é possível prevenir e para a qual existe tratamento e cura, os investigadores questionam-se porque é que a tuberculose ainda existe.

"O que nos preocupa na tuberculose é que ela ainda exista. Não devia haver casos de tuberculose, por isso devemos continuar atentos à sua redução. Ela tem vindo a reduzir, de uma forma consistente, mas podemos fazer mais", frisou. Defende, por isso, que é necessário atuar "na co-infecção VIH, na resistência e na boa adesão ao tratamento".

"Mas temos de atuar também, e cada vez mais se dá importância a isso, [quanto] aos determinantes sociais, à pobreza, ao desemprego, à forma como as pessoas vivem e aos comportamentos de risco, como o consumo de droga, de álcool e tabaco", acrescentou.

A investigadora considera que "só uma abordagem integrada é que permitirá maior eficácia na redução da tuberculose".

"A tuberculose é curável. O que é preciso é que a pessoa seja diagnosticada atempadamente, de modo a não ficar com sequelas, e faça o tratamento adequado, o tempo todo, para não ter resistências. Porque se houver resistências estamos a perder fármacos e, assim, a ter algumas complicações em tratar a tuberculose", frisou.

Raquel Duarte é atualmente diretora da Unidade de Gestão Integrada do Tórax e Circulação do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, Coordenadora do Centro de Referência Nacional para a Tuberculose Multirresistente, assessora do Diretor do Programa Nacional para a TB/VIH, para a área da tuberculose, e docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. ♦